PÉRICLES E A PERSPECTIVA DE GUERRA COM ESPARTA

Tucídides

Voltemos aos Espartanos. A história da sua primeira embaixada, a injunção a que deu origem e a resposta que provocou no tocante à expulsão das pessoas acusadas de sacrilégio já foram aqui relatadas. A essa embaixada seguiu-se uma segunda, a qual intimou Atenas a levantar o cerco a Potideia e a respeitar a independência de Egina. Acima de tudo, expressou distintamente a ideia de que a guerra poderia ser evitada mediante a revogação do decreto de Mégara, que excluía os Megarenses do uso dos portos atenienses e do mercado de Atenas. Mas os Atenienses não estavam inclinados nem a revogar o decreto nem a considerar as outras propostas que lhes foram apresentadas. Acusavam os Megarenses de alargarem as suas culturas a terrenos sagrados e a outros que se situavam para lá das suas fronteiras, e de darem guarida aos escravos de Atenas que para lá fugiam. Por fim, chegou uma embaixada com o ultimato de Esparta. Os embaixadores eram Ranfias, Melesipo, e Agesandro. Nem uma palavra foi proferida a propósito dos temas do passado. Apenas isto: "Esparta deseja que a paz continue, e não há razão para não continuar, se deixardes os Helenos usufruir da sua independência." Perante isto, os Atenienses convocaram uma assembleia, à consideração de cujos membros colocaram o assunto. Foi decidido deliberar, de uma vez por todas, sobre todas as matérias das exigências de Esparta e dar-lhes uma resposta. Vários oradores pediram a palavra, dando o seu apoio a uma ou outra posição, defendendo a premência da guerra ou a necessidade da revogação do decreto e a loucura que era transformá-lo num obstáculo à paz. De entre os que falaram destacou-se Péricles, filho de Xantipo, o homem mais importante do seu tempo em Atenas, igualmente talentoso no conselho e na acção, o qual deu a seguinte opinião:

"Há um princípio, Atenienses, que eu sigo em todas as coisas, e que é o princípio de não-cedência aos Peloponésios. Eu sei que o espírito que inspira os homens, enquanto estão a ser persuadidos a fazer a guerra, nem sempre perdura durante a acção, e que, consoante mudam as circunstâncias, assim muda a resolução. Todavia, vejo que, agora como dantes, o mesmo – quase literalmente o mesmo – conselho me é pedido. Tenho que pedir àqueles de vós que eu lograr persuadir, para apoiarem as decisões nacionais, mesmo em caso de revés, e abdicarem de todo o crédito resultante do seu juízo em caso de vitória. É que, por vezes, o curso dos acontecimentos é tão caprichoso quanto os planos do homem, razão pela qual tantas vezes culpamos a sorte por qualquer coisa que acontece de modo diverso daquele que esperávamos. Já anteriormente, era evidente que os Espartanos tinham intenções inamistosas para connosco. Agora, é ainda mais claro. O tratado estabelece que devemos mutuamente submeter os nossos diferendos a uma arbitragem, e que, entretanto, cada um conserva os domínios que tem. No entanto, os Espartanos nunca nos fizeram uma proposta deste género nem nunca aceitaram que uma tal iniciativa partisse de nós. Pelo contrário, vê-se que desejam que os diferendos sejam regulados pela via das armas, em vez de o serem pela via das negociações. E no fim de tudo isto, ainda os vemos, aqui, deixando cair o tom de discordância e assumindo o de mando. Ordenam-nos que levantemos o cerco a Potideia, que deixemos Egina ser independente, que revoguemos o decreto de Mégara e concluem com um ultimato para que deixemos os Helenos usufruir da sua independência. Espero bem que nenhum de vós considere que, no caso de irmos para a guerra por recusarmos a revogação do decreto de Mégara, o estamos a fazer por uma causa fútil, porque esta trivialidade encerra toda a firmeza e a demonstração da nossa determinação. Se cederdes, logo sereis obrigados a enfrentar uma exigência maior, uma vez

que, assustados, haveis prontamente obedecido. Pelo contrário, uma firme recusa fá-los-á compreender, claramente, que têm de vos tratar mais como seus iguais. Tomai as vossas decisões, por conseguinte, o mais rapidamente possível, de modo a que as possais divulgar antes de serdes agredidos, ou, se tivermos de ir para a guerra – como eu acho que devemos –, o fazermos sem cuidarmos de saber se a causa directa é grande ou pequena, mas decididos a não admitir cedências ou a consentir uma sustentação precária das nossas possessões. É que todas as reivindicações vindas de uma potência igual para com um vizinho, sob a forma de ultimato, sem serem precedidas de nenhuma tentativa de acordo por via legal, sejam elas grandes ou pequenas, têm apenas um significado, e esse é o da escravidão."

"No que respeita à guerra e aos recursos disponíveis de cada uma das partes, uma comparação minuciosa não levará a concluir pela inferioridade de Atenas. Pessoalmente empenhados no cultivo das suas terras, sem fundos privados ou públicos, os Peloponésios também têm falta de experiência em guerras prolongadas no mar, limitados que sempre estiveram, pela sua pobreza, a guerrearem-se uns aos outros num espaço reduzido e por períodos muito curtos. As potências deste tipo têm enormes dificuldades em, repetidamente, guarnecer uma frota ou mobilizar um exército para uma expedição. Não se podem permitir longas ausências das suas terras nem o gasto dos seus próprios fundos. E, além do mais, não têm, como nós, o domínio do mar. Depois, são as reservas de capitais, mais do que os impostos lançados no momento, que asseguram a sustentação das guerras. Os agricultores pertencem a um tipo de homens que estão sempre mais dispostos a servir em pessoa do que através da sua bolsa, convencidos de que o corpo sobreviverá aos perigos, enquanto têm menos certezas de que o dinheiro não será prematuramente gasto, especialmente se a guerra durar mais do que o esperado, o que será certamente o caso. Numa só batalha, os Peloponésios e os seus aliados podem ser capazes de desafiar toda a Grécia, mas são incapazes de conduzir uma guerra contra uma potência com um carácter muito diferente do seu, uma vez que lhes falta uma autoridade central, indispensável para a tomada de decisões rápidas e vigorosas, e encontrar uma alternativa para um congresso composto por várias raças, no qual cada estado possui um voto igual, cada um deles fazendo pressão de acordo com os seus interesses particulares, situação que, normalmente, produz a mais completa inacção. O grande objectivo de alguns deles é, tão-só, o de poderem vingar-se de um particular inimigo, enquanto o de outros visa apenas a salvação dos seus bens. Lentos a reunir-se, gastam muito pouco tempo na discussão de qualquer objectivo público, e, mesmo assim, sobretudo acerca dos seus próprios objectivos. Entretanto, imaginam que nenhum mal lhes virá da sua negligência e de que alguém, em seu lugar, se há-de encarregar de ser previdente. E assim, pensando todos separadamente da mesma forma, a causa comum imperceptivelmente se vai arruinando."

"Mas o aspecto mais importante é a dificuldade que sentirão por causa da escassez de dinheiro. A lentidão com que ele aparecerá será causa de adiamentos. Mas as oportunidades da guerra não esperam por ninguém. Além disso, não temos que recear nem a possibilidade deles erguerem fortificações na Ática nem o poderio da sua marinha de guerra. Seria difícil que uma cidade rival estabelecesse um sistema de fortificações, mesmo em tempo de paz, quanto mais, seguramente, num país inimigo, com Atenas tão fortificada contra esse inimigo como ele contra Atenas. Enquanto um mero posto avançado podia ser capaz de nos causar algum dano através de incursões ou aproveitando alguns dos nossos desertores, isso não nos impediria de navegar para o território deles, de aí construirmos fortificações e de exercermos represálias com a nossa poderosa esquadra. É que a nossa experiência naval é-nos mais útil para acções em terra do que a aptidão militar terrestre deles o é para acções no mar. Familiarizarem-se com o mar será, para

eles, uma aprendizagem difícil. Se vós, que a tendes vindo a praticar desde a invasão dos Medas, ainda não haveis nessa matéria alcançado a perfeição, será que uma população agrícola e sem nenhuma inclinação para as coisas do mar tem alguma hipótese de alcançar algo de significativo, e que, ainda para mais, será impedida de se adestrar, devido à constante presença das poderosas esquadras de reconhecimento atenienses? Contra uma frota de pequena dimensão, poderão arriscar-se a combater, reforçada a sua ignorância pela ocasional superioridade numérica. Mas perante uma força maior, sentir-se-ão tolhidos de movimentos, e, não podendo treinar-se, sentir-se-ão menos aptos e, consequentemente, menos audaciosos. É preciso não esquecer que a marinharia, como todas as outras coisas, é uma arte, não permitindo ser exercida ocasionalmente, como uma ocupação dos tempos de ócio. Pelo contrário, é tão absorvente que não deixa tempo livre para mais coisa nenhuma."

"Mesmo que eles conseguissem obter o dinheiro em Olímpia ou Delfos, tentando, depois, seduzir os nossos marinheiros estrangeiros através de um pagamento superior, isso só se tornaria um sério perigo se não fôssemos capazes de, mesmo assim, estar à altura do seu desafio, mediante o embarque dos nossos próprios cidadãos e dos forasteiros residentes entre nós. O facto é que, por termos essa capacidade, seremos sempre, perante eles, um poderoso contendor. E, melhor do que tudo, dispomos de um maior e mais adestrado grupo de timoneiros e marinheiros nativos entre a nossa população do que em todo o resto da Grécia. E, estou convencido de que nenhum dos nossos marinheiros estrangeiros consentiria em se tornar um criminoso perante Atenas, pondo-se ao serviço do seu inimigo, só para beneficiar de uns poucos dias de melhor salário."

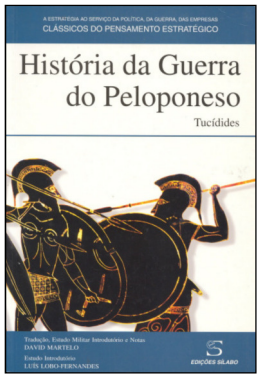
"Esta é, penso eu, uma avaliação realista das potencialidades dos Peloponésios. As dos Atenienses estão livres dos defeitos que critiquei neles. Além disso, dispõem de outras vantagens próprias, face às quais eles não podem mostrar nada de semelhante. Se vierem por terra contra o nosso país, nós iremos por mar contra o deles. Ver-se-á, então, que a devastação de toda a Ática não será comparável, sequer, à de uma fracção do Peloponeso. É que eles não serão capazes de superar a sua inferioridade, a não ser através de uma batalha, enquanto nós dispomos de muito território, tanto nas ilhas como no continente. O domínio do mar é, na verdade, um argumento muito poderoso. Pensem um pouco nisto: imaginem que nós éramos uma ilha. Acham que poderia haver uma posição mais inexpugnável? Ora bem, no futuro, tanto quanto for possível, deverá ser esta a concepção da nossa posição. Afastando os nossos pensamentos dos campos e das nossas casas, temos absolutamente que guardar vigilantemente o mar e a cidade. Por maior agastamento que possamos sentir por eles, não nos podemos deixar arrastar para uma batalha contra a superioridade numérica de que usufruem. Uma vitória que tivéssemos logo seria seguida por outra batalha contra a mesma superioridade, enquanto uma derrota significaria a perda dos nossos aliados, isto é, a fonte da nossa força, os quais não ficariam quietos um só dia, a partir do momento em que sentissem que já não tínhamos força para os dominar. Não devemos chorar a perda de casas e terras, mas sim a perda de vidas humanas. E se eu pensasse que vos poderia convencer, ter-vos-ia proposto para que fossem destruí-las com as vossas próprias mãos, mostrando aos Peloponésios que isso, de forma alguma, vos há-de submeter."

"Tenho muitas outras razões para estar optimista quanto ao desfecho da guerra, se determinardes não consentir na combinação de esquemas de novas conquistas com a condução da guerra e se vos abstiverdes de vos envolver erraticamente em outros perigos. Na verdade, confesso que tenho mais receio dos nossos próprios erros do que dos planos inimigos. Mas

estes assuntos serão explicados noutro discurso, consoante os acontecimentos o exigirem. Para já, mandai embora estes emissários com a indicação de que autorizaremos Mégara a utilizar o nosso mercado e os nossos portos assim que os Espartanos suspenderem as expulsões de estrangeiros que nos atingem a nós e aos nossos aliados, uma vez que nada existe no tratado que impeça um caso ou o outro. Que deixaremos as cidades gozarem a sua independência, se for o caso de as termos encontrado independentes quando da assinatura do tratado e quando Esparta garantir às suas cidades uma independência que não envolva a subserviência aos interesses espartanos, mas na medida em que cada um separadamente puder desejar. Que estamos dispostos a dar a satisfação legal que os nossos acordos estipulam e que não seremos nós a começar as hostilidades, sendo certo, todavia, que resistiremos a quem tomar tal iniciativa. Esta é uma resposta justa e simultaneamente condizente com a dignidade de Atenas. Deve haver a mais clara compreensão de que: a guerra é uma inevitabilidade; que, quanto mais prontamente a aceitarmos, menor será o ardor dos nossos opositores; e que é nas ocasiões de maiores perigos que as comunidades e os indivíduos adquirem a maior glória. Quando os nossos pais resistiram aos Medas, fizeram-no com recursos bem diferentes dos nossos e assim continuaram mesmo quando tiveram de abandonar aqueles que possuíam. E, mais por inteligência do que por fortuna, mais por terem arriscado do que pela força que tinham, não lograram derrotar os bárbaros e fazer progredir os seus negócios até ao nível elevado dos nossos dias? Não podemos ficar atrás deles, mas sim resistir aos nossos inimigos de todas as maneiras e com todos os meios, procurando que o nosso poder seja transmitido intacto aos que nos sucederem."

Tais foram as palavras de Péricles. Os Atenienses, persuadidos da sensatez do seu conselho, votaram em conformidade com o mesmo e responderam aos Espartanos consoante a sua recomendação, tanto no tocante a cada ponto específico como em geral. Nada fariam por imposição, mas estavam dispostos a ver os diferendos regulados de uma forma justa e imparcial através de um método legal, consoante os termos prescritos no tratado. Deste modo, os emissários partiram e não mais voltaram.

História da Guerra do Peloponeso – Livro Primeiro – Capítulo V

Tradução de David Martelo

Leitura complementar